

**Os benefícios de olhar além das fronteiras: estudos comparativos do sistema de media em diferentes países podem aprofundar e enriquecer a Teoria Deliberativa**

*The benefits of looking across the fence: comparative studies of the media system in different countries can deepen and enrich deliberative theory*

**Entrevista com Hartmut Wessler**

*Interview with Hartmut Wessler*

**Gabriella Hauber**

Universidade Federal de Minas Gerais  
[Federal University of Minas Gerais]

REVISTA  
**compolítica**

revista compolítica

2020, vol. 10(3)

[compolitica.org/revista](http://compolitica.org/revista)

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2020.10.3.465

 Open Access Journal

*Os benefícios de olhar além das fronteiras: estudos comparativos do sistema de media em diferentes países podem aprofundar e enriquecer a Teoria Deliberativa (Entrevista com Hartmut Wessler)*

Gabriella HAUBER

**H**artmut Wessler é professor de Estudos de Media e Comunicação na Universidade de Mannheim, Alemanha. Ele é membro do Instituto de Estudos de Media e Comunicação e pesquisador principal no Centro Mannheim de Pesquisa Social Europeia (MZES). Sua pesquisa explora principalmente análises comparativas de sistemas de *media* em diferentes países e contextos, como Alemanha, Estados Unidos, Brasil, Rússia e Líbano. Nesta entrevista, ele fala sobre as principais descobertas e benefícios de investigações comparativas amplas e como elas podem contribuir para uma melhor compreensão dos sistemas de *media* e sua relação com a democracia deliberativa.

Outro ponto abordado é a questão metodológica. Pesquisas comparativas, como as realizadas por Wessler, também são um desafio nesse ponto. Ele e sua equipe têm adotado métodos computacionais para análise de *big data*. Além dessa análise em larga escala, Wessler desenvolveu métodos capazes de compreender os detalhes de materiais jornalísticos, como a reconhecida análise multimodal de enquadramento, na qual imagens e textos são analisados de maneira relacional. Atualmente, o professor e seu grupo de pesquisa desenvolvem um projeto no qual analisam a cobertura noticiosa do terrorismo em diferentes países, com foco nas emoções.

*Você tem vários trabalhos que procuram fazer uma análise comparativa entre os sistemas de media em diferentes países e contextos. O que o motivou a fazer esse tipo de análise mais ampla?*

O que, inicialmente, despertou meu interesse em pesquisa comparativa foi algo que encontrei no meu próprio uso dos *media*. Se você observar, por exemplo, a cobertura de jornais nos Estados Unidos e em outros países, perceberá que um dos critérios que costumam ser usados [no fazer jornalismo] são reportagens com “estilo debate”, artigos que apresentam os dois lados da história. Nos países em que os jornais têm tendências políticas assumidas – não são neutros, não tentam maximizar o público através de orientações políticas, mas, de alguma forma, são afiliados a orientações políticas –, os artigos em estilo debate não são tão comuns. Esse estilo é algo específico das reportagens neutras. Isso significa que, em princípio, a cobertura nos demais países é necessariamente pior? Não, porque sempre depende do valor normativo que você estuda. Então, minha ideia inicial nessas pesquisas não foi considerar as reportagens com estilo debate como o valor que queremos que os sistemas de *media* alcancem, mas como um meio. Não é o fim, mas é um instrumento possível. “E como você pode desenvolver uma boa discussão nos *media*, além de usar reportagens estilo debate?”. Essa foi a minha pergunta inicial. Foi isso que me fez refletir sobre maneiras de desenvolver boas deliberações públicas em sistemas que não têm uma forte tradição liberal de reportagens objetivas e com o estilo “ambos os lados da história”. Isso me fez pensar que precisamos definir os valores, independentemente de como eles estão sendo realizados em diferentes fóruns concretos e diferentes sistemas de *media*.

*Como você vê a importância de pesquisas que comparam a cobertura dos media em diferentes países/contextos? O que elas revelam que as investigações mais focadas, como aquelas voltadas para os media de um único país, não são capazes de identificar?*

Existem diferentes maneiras de produzir boas discussões políticas, diferentes maneiras de envolver o público [por parte dos *media*]. Se você estudar apenas um país, encontrará apenas uma maneira de fazê-lo. Portanto, uma vantagem específica da pesquisa comparativa é encontrar exemplos de práticas recomendadas que não são tão familiares. Comparar, por exemplo, jornalismo mais opinativo e mais narrativo, com relatos factuais e relatos objetivos, clássicos, amplia o seu horizonte de forma substantiva. Se você abre

o campo dessa maneira, descobre mais possibilidades de fazer boas reportagens nos *media* democráticos. E acho que isso é algo que os estudos focados em um único país não conseguem encontrar.

Há um outro elemento. O que acabei de falar é a dimensão comparativa. Atualmente, porém, os sistemas de *media* também estão conectados entre si. Nós obtemos muitas informações de outros países por meio de seus *media*. Talvez não diretamente, mas, por exemplo, os jornalistas podem pegar o material das mídias sociais ou do jornalismo de outros países e reportá-los no seu próprio país. Testemunhamos fortes tendências de transnacionalização nos *media*. Ou seja, trabalhar com *media* em diferentes países também sensibiliza o pesquisador a perceber essas conexões, às vezes, surpreendentes de, por exemplo, encontrar o mesmo tipo de enquadramento de um evento em países muito diferentes. Não são apenas as diferenças que você descobre, mas também descobre como o jornalismo e a comunicação pública em geral, e também a comunicação cidadã [*citizen communication*], estão conectados através das fronteiras e são transnacionalizados – pelo menos até certo ponto.

*Que contribuições essas investigações comparativas do sistema de media podem trazer especificamente para análises de deliberação e de sistemas deliberativos?*

Quando levamos a sério a abordagem de sistemas deliberativos, precisamos ver que diferentes arenas de comunicação são configuradas de maneiras particulares. Por exemplo, nos países europeus, você possui fortes recursos de redes públicas, com televisão e rádio, mas também de notícias on-line. O financiamento público por meio de taxas de licença é um elemento forte, mas isso também significa que os outros elementos do sistema de *media* podem contar com isso. Eles são configurados assumindo que essa rede de comunicação pública existe. Nos sistemas onde essa comunicação pública não existe, onde ela é apenas privada, com a transmissão sendo feita quase exclusivamente por grupos empresariais, as outras mídias precisam executar algumas dessas funções [que seriam desempenhadas pelos grupos públicos].

Existe uma nova sinergia específica criada pelos diferentes tipos de *media*. Meus exemplos costumam ser dos EUA porque estudei os EUA – peço desculpas por isso, porque uma das forças motrizes de minha própria pesquisa foi diminuir o foco nos EUA e trazer outros países em perspectiva. Mas os EUA ainda estão sendo muito discutidos porque são um país politicamente poderoso e você observa uma diferente ecologia midiática por lá. Lá há uma mídia partidária forte, particularmente à direita, nos noticiários de rádio e televisão. Há uma polarização do sistema de *media* em grupos e audiências altamente partidarizados, que se fecham uns contra os outros. Se eles se conhecem, basicamente se odeiam. Essas coisas são, normalmente, menos pronunciadas em sistemas de *media* com financiamento público e naqueles mais ou menos centristas.

Essas análises também mostram que os sistemas de *media* europeus [com financiamento público] são um pouco mais resistentes a mudanças, são mais estáveis. Por exemplo, a crise dos jornais, a crise do jornalismo tradicional, é muito mais grave em países onde as forças do mercado são sentidas na estrutura de ofertas dos *media*, países nos quais os *media* devem se sustentar exclusivamente por meio de vendas e publicidade. Nos sistemas em que há essa base financeira [pública], garantida pela regulamentação política para meios de comunicação de radiodifusão – e em alguns países também para jornais –, o sistema é um pouco mais resistente ao declínio do jornalismo tradicional. A perspectiva comparada ajuda a entender a configuração dessa estrutura de intertravamento entre as diferentes partes do sistema.

Essa estabilidade do sistema também se revela em termos do que os usuários de *media* sabem sobre o mundo. Existem algumas boas pesquisas de James Curran e colegas (2009), que fizeram um trabalho comparativo sobre o que o público sabe sobre o mundo em diferentes sistemas de *media*. E, mais uma vez, nos países onde há radiodifusão pública, as pessoas tendem a conhecer um pouco mais sobre o mundo e outros países, porque a base informacional é fornecida por ela. [O sistema de *media*] não depende completamente das demandas da audiência e da publicidade.

*No Brasil, a radiodifusão pública ainda é frágil. Embora emissoras públicas de qualidade sejam importantes, às vezes pode ser difícil iniciar esse tipo de discussão no país porque as pessoas tendem a confundi-la com controle estatal sobre a mídia...*

Penso que, em lugares que possuem sistemas comerciais de *media*, tudo o que não é comercial tende a ser descartado como controlado pelo Estado. E isso está errado. Mas, por outro lado, não sou acrítico sobre o modo com que a radiodifusão funciona. Eu não sou ingênuo. Se você olhar atentamente, descobrirá que existe uma proximidade particular entre a radiodifusão pública e a política formal. A quantidade de tempo de antena que os políticos do *establishment* obtêm é maior e as vozes da periferia do sistema político e da sociedade civil são um pouco menos frequentes. Essa é a desvantagem. [A radiodifusão pública] parece ser um pouco mais orientada ao Estado ou orientada para a política hegemônica, e isso deve ser criticado. Isso também é algo que se pode aprender com a pesquisa comparativa – em outros países, a predominância de atores do Estado nas notícias não é, necessariamente, tão elevada. Portanto, há espaço para fazer as coisas de maneira diferente também a esse respeito. Não quero parecer tão apologético quanto a tudo o que a radiodifusão pública faz. Eu acho que há menos proximidade com os anunciantes, mas mais proximidade com a política hegemônica.

*Você acredita que a pesquisa sobre o sistema deliberativo dá atenção adequada aos media? Ainda existem lacunas a serem preenchidas?*

Penso que o impulso inicial para a perspectiva do sistema deliberativo vem da Ciência Política e olha mais para instituições políticas, parlamentos, tribunais, também governos, deliberações internas em órgãos governamentais. Os *media* também estão lá, mas o que gostaríamos, é claro, é reconhecer o quão central eles realmente são. Os eleitores não seriam capazes de desenvolver uma imagem da política se não fossem os *media* de massa. As mídias sociais ou a comunicação baseada em internet também oferecem aos cidadãos a possibilidade de participar diretamente da tomada de opinião e, em parte, da tomada de decisão. Basicamente, acho que é importante reconhecer que existe um sistema deliberativo, no qual a tomada de opinião e a tomada de decisões coletivas acontecem, e

que os *media* e os cidadãos são importantes para isso, são partes integrais desse sistema que você não pode negligenciar. Existem trabalhos nessa direção, por exemplo, de Rousiley Maia (2012). Eu e meu grupo de pesquisa também estamos tentando comparar diferentes áreas nas mídias sociais, no jornalismo tradicional e no jornalismo on-line em termos de seu potencial deliberativo.

Às vezes, também existem expectativas irrealistas de teóricos deliberacionistas direcionadas aos *media*. John Parkinson (2005) criticou bastante, há alguns anos, a tendência de se ver os *media* apenas como canais de transmissão para configurações microdeliberativas. Eles devem ser levados a sério, como uma arena separada, ou como várias arenas separadas nas quais a comunicação política ocorre. Por um lado, não podemos esperar que os *media* ampliem qualquer microdeliberação maravilhosa que possamos ter em nosso país, simplesmente amplificando-a e tornando-a societal. Não é assim que funciona a deliberação pública nos *media*. Precisamos olhar para os *media* como as arenas em si e ver em que eles realmente contribuem, em vez de concebê-los em termos de simples canais de transmissão. Então, de certa forma, temos muito que fazer. Ainda falta muito trabalho. E ainda precisamos desenvolver uma estrutura clara para comparar o potencial deliberativo de diferentes arenas dos *media*. Temos muita pesquisa em plataformas individuais, como Twitter e Facebook, mas precisamos de uma visão sistêmica abrangente do potencial e da contribuição única de cada uma dessas áreas para a sociedade e as deliberações. E isso é uma tarefa empírica e teórica.

*Você falou sobre qualidade deliberativa em diferentes mídias. Como você vê a importância de entender os media como sistemas com diferentes qualidades deliberativas? Como essa abordagem pode contribuir para estudos complexos de media?*

Eu acho que temos que olhar mais claramente os mecanismos de transmissão entre as arenas. Portanto, comparar o potencial deliberativo é um passo importante, mas é ainda mais importante saber como a discussão no Facebook sobre uma questão, por exemplo, é traduzida, está sendo adaptada e debatida pelos jornalistas. Como os jornalistas adotam

as mídias sociais? Eles as adotam de maneira adequada ou inadequada? Eles estão exagerando a importância ou estão diminuindo a importância das mídias sociais? Como os jornalistas avaliam se relatam algo que está acontecendo no Twitter em reportagens? Quais são os critérios? Temos algumas pesquisas sobre isso que não usam uma perspectiva deliberacionista, mas elas são interessantes e podemos nos basear nelas.

Também pode haver outros mecanismos de transmissão, especialmente as referências feitas por parte de políticos ao conteúdo dos *media*. Esses usuários profissionais dos *media* contam com especialistas construindo para eles a opinião publicada à qual reagem. E em suas comunicações, eles reagem bastante ao conteúdo dos *media*. Eles se referem aos *media* e reagem diretamente à comunicação do cidadão. Mas também no parlamento há referências frequentes ao que os *media* informam, ao que a opinião pública diz e assim por diante. Eu acho que é outra rota de transmissão. Precisamos focar nessas transmissões e também em como arenas mais remotas e periféricas planejam estratégias para entrar no *mainstream*. Isso é algo que se relaciona com essa ideia de contrapúblicos, que vem sendo debatida desde a década de 1970 e que Nancy Fraser (1990) tornou proeminente nos estudos de media e comunicação e política.

Os contrapúblicos são arenas de ação estratégica, nas quais as pessoas tentam se unir e se conectar a várias outras arenas, fazendo suas reivindicações serem ouvidas no *mainstream*. Ao estudarmos a transmissão pelo sistema deliberativo, há várias frentes de trabalho às quais precisamos nos atentar.

*Você tem, dentre outros, um artigo (Wessler & Rinke, 2014) no qual compara o desempenho de notícias na TV em três países muito diferentes (Rússia, EUA e Alemanha). O que você notou em sua pesquisa sobre a relação entre o tipo e a qualidade da democracia e a deliberação dos media nos diferentes países?*

Tomamos a qualidade do debate midiático como um indicador mais ou menos direto da qualidade da democracia, a partir de uma perspectiva deliberativa. Isso faz sentido porque a democracia é entendida enquanto algo intensamente comunicativo. É sobre a qualidade de como as questões políticas estão sendo discutidas. As decisões podem ser consideradas



legítimas se elas forem discutidas adequadamente. Essa é a base da legitimidade democrática na perspectiva deliberacionista. Assim, a deliberatividade dos debates em várias arenas é quase um indicador da qualidade da democracia. É claro, existem outras perspectivas sobre democracia, outras teorias.

Geralmente, nas democracias que possuem sistemas de compartilhamento de poder, onde o poder é compartilhado entre diferentes partidos, há vários partidos no parlamento e instituições que moderam a luta pelo poder. Esses países tendem a ter um discurso público mais deliberativo do que aqueles que possuem sistemas majoritários – com sistemas de duas partes, onde uma parte assume a liderança e pode realizar seus objetivos dentro de certos limites. Não quero caricaturar o sistema majoritário; também há nele *checks and balances*, mas não estão tão fortemente incorporados na estrutura do governo. O ponto é que os sistemas que possuem estruturas de compartilhamento de poder parecem, de alguma forma, criar mais oportunidades e mais incentivos para a deliberação. Você precisa se acomodar constantemente com outros atores políticos, não pode simplesmente descartá-los e ignorá-los de alguma forma.

Isso não é apenas algo que descobrimos em nossas pesquisas, mas é também o que Lilach Nir (2012a, 2012b), de Israel, mostrou no nível dos usuários dos *media*. O compartilhamento de poder incentiva a deliberação em vários níveis, nos *media* e nas redes de cidadãos, mas também em instituições como o parlamento. Durante a crise do Brexit, assisti a algumas discussões no parlamento britânico. Há ali um sistema de duas partes, e todo o arranjo é voltado para o conflito bipartidário. Uma parte fica à esquerda e a outra à direita. Não é um anfiteatro, é uma espécie de *layout* de confronto. Até certo ponto, os debates são um pouco mais divertidos do que o que percebo dos debates do parlamento alemão, por exemplo. Mas também descobri que havia bastante confronto. Portanto, os resultados são um tanto mistos. Nem sempre é uma imagem extremamente clara, mas a tendência é encontrar mais acomodação, discussão e deliberação em sistemas de compartilhamento de poder.

*Em seu último livro, Habermas and the Media (Wessler, 2018), você revisita o trabalho de Habermas, lançando luz sobre aspectos que, de certa forma, são*

*pouco explorados pelos deliberacionistas, relacionados ao papel dos media na teoria crítica de Habermas. Hoje vivemos em um contexto de polarização, desinformação e desconfiança em relação aos media noticiosos, em que os ideais normativos parecem cada vez mais distantes. Como a teoria deliberativa habermasiana pode ser apropriada ou mesmo atualizada nesse contexto?*

O grande problema é como deliberar com populistas que basicamente rejeitam cinicamente o debate construtivo, porque eles têm todo tipo de explicações rápidas. As teorias da conspiração costumam estar ligadas às ideologias populistas e você não sabe como deliberar nesse cenário. Isso é realmente algo que precisamos enfrentar mais enquanto uma tarefa teórica. Se a democracia não está funcionando bem, qual é o papel da deliberação? Não se pode deliberar adequadamente com alguém que explicitamente não o quer fazer. Digo sobre a ideia de os cidadãos se envolverem nisso voluntariamente, e assim por diante.

As soluções teórica e prática ainda não estão claras. Não tenho uma resposta rápida e fácil para isso. Talvez precisemos de algumas táticas de discurso não-deliberativas para estabelecer conexões. Talvez, certas formas de protesto confrontacionais sejam necessárias. Penso que simplesmente exigir ser construtivo sempre não é suficiente em situações de desequilíbrio de poder, especialmente se o detentor do poder descartar toda a discussão real e tentar manipular o processo. Então, é preciso uma estratégia mais multifacetada para salvaguardar a deliberação efetiva e as discussões em toda a sociedade.

*Você acredita que estudos comparativos dos sistemas de media em diferentes países podem contribuir para uma melhor compreensão da crescente desconfiança nos media? Como?*

A primeira coisa é distinguir entre ceticismo justificado e uma espécie de cinismo generalizado, desconfiança ou hostilidade em relação à grande mídia. Penso que desconfiança generalizada é algo que os grupos partidários mais extremos exibem. Esses grupos não se sentem refletidos, representados suficientemente bem nos *media*. Portanto, esses grupos generalizam demais e descartam tudo [feito pelos *media*]. Não estou dizendo

que os *media* tradicionais, mesmo os *media* de qualidade, não cometam erros. Às vezes cometem erros e há um certo elemento de elitismo em parte do jornalismo de qualidade – os jornalistas são mais social, estrutural e culturalmente semelhantes às elites que cobrem do que às pessoas comuns. Isso significa que pode haver um elemento de elitismo e isso não é bom – sendo necessário o ceticismo justificado. Então, primeiramente, nem tudo o que as pessoas criticam sobre os *media* é injustificado, nem é uma espécie de populismo.

Na verdade, não sou especialista em questões de hostilidade dos *media* ou desconfiança dos *media*, mas acho que está entrelaçado com ideologias políticas e fornece uma imagem bastante distorcida do que os *media* podem realmente fazer. O que os *media* podem fazer para mitigar a hostilidade ou para mitigar esse tipo de desconfiança? Existem algumas abordagens importantes e interessantes para explicar o que os *media* realmente fazem, porque a maior parte dessa desconfiança vem de “bem, mas vocês [jornalistas] não relataram isso”, “a mídia novamente ignorou isso”. Mas eu sei, é claro, isso é algo importante, algo verdadeiro. Nesse contexto, é importante mostrar como os jornalistas realmente descobrem o mundo, tornar isso transparente e não apenas dizer “ok, somos o bastião da verdade”. Existem rotinas profissionais envolvidas na maneira como os jornalistas tomam decisões editoriais. Penso que os cidadãos, especialmente os muito desconfiados e hostis, precisam entender como essas rotinas acontecem.

Uma coisa interessante sobre a crise do coronavírus parece ser que os cidadãos estão realmente interessados em informações confiáveis. Mesmo agora, existem pessoas que acreditam em teorias da conspiração e geralmente desprezam os *media*. Mas mais pessoas do que antes estão realmente interessadas e simpatizantes com o tipo de informação que obtêm dos bons *media* jornalísticos. Às vezes, são necessárias situações de crise como essa para descobrir o valor da verdade através da informação.

*Seu projeto de pesquisa anterior analisou a cobertura de eventos globais sobre questões climáticas em diferentes países<sup>1</sup>. Dado o impacto que os problemas climáticos trarão nas próximas décadas, você acredita que a pesquisa sobre comunicação deu atenção adequada a esse tópico? É possível dizer que certas questões políticas precisam ser priorizadas em detrimento de outras em determinados momentos?*

Na verdade, acho que o assunto já foi muito bem pesquisado até agora. Mas, é claro, temos as disparidades usuais quanto a quais países estão sendo estudados e quais são mais ou menos negligenciados. E é por isso que, em nosso projeto, fizemos questão de olhar para uma coleção de países importantes nos vários continentes, como Brasil, África do Sul e Índia, além da Alemanha e dos Estados Unidos. Mas, em geral, acho que o tópico recebeu bastante interesse dos pesquisadores de comunicação até agora.

A questão mais geral é sobre se questões específicas devem ser priorizadas. Por mais que eu ache que a mudança climática seja um tópico extremamente importante e decisivo para o futuro das pessoas, acho que não se deve prescrever politicamente agendas de pesquisa. Não acho que essa seja uma boa ideia em geral. Valorizo a autonomia do trabalho acadêmico e, por mais que eu goste de pesquisas que abordem tópicos que considero importantes enquanto cidadão, penso que isso é algo a ser desenvolvido coletivamente na comunidade de pesquisa e não é algo que deva ser programado do lado de fora. E é por isso que acho que cabe à comunidade de pesquisa desenvolver essas coisas, mas também devemos ser autocríticos e dizer: "Ok, e em uma discussão como esta, estamos negligenciando isso, estamos negligenciando aquilo?".

Meu ponto é menos sobre tópicos ou questões políticas que deveríamos estudar mais. Para mim, é mais importante trazer uma perspectiva mais global, seja nas mudanças climáticas, no terrorismo ou no intercâmbio intercultural. Algo que devemos, como comunidade de pesquisa, destacar mais é o fato de vivermos em um sistema de comunicação global, que exige competências cada vez mais interculturais para entender o que está acontecendo e também conhecimento efetivo sobre coisas que vão além da

---

<sup>1</sup> *Sustainable Media Events? Production and Discursive Effects of Staged Global Political Media Events in the Area of Climate Change.*

nossa experiência. Para mim, é mais importante destacar essa perspectiva e continuar lutando por ela, em vez de prescrever certos problemas ou soluções.

*Nesse projeto sobre mudança climática, você aplicou a metodologia multimodal de enquadramento (Wessler et al., 2016; Wozniak, Lück & Wessler, 2015) para analisar o texto e as imagens jornalísticas. Como você vê a importância do rigor metodológico nas pesquisas sobre comunicação, um campo de estudos em que a metodologia é, muitas vezes, vista como algo secundário?*

O interessante da abordagem multimodal é que não se trata tanto de rigor. É claro que valorizo pesquisas rigorosas e investimos muito tempo no desenvolvimento de bons métodos. Mas a ideia original para a análise de quadros multimodais era levar a sério o fato de que quase todo o conteúdo dos *media* que consumimos é multimodal. E temos desviado o olhar quanto a isso de forma consistente. Tínhamos metodologias altamente sofisticadas que eram completamente reducionistas, porque eram focadas apenas no texto. E, de certa forma, nessa virada computacional em que estamos agora, corremos um risco ainda maior de apenas focar no texto, porque os métodos computacionais orientados ao texto são muito mais avançados que os visuais. Eu acho que é um "escândalo". Se você amplia a perspectiva e leva isso a sério, descobre um continente totalmente novo sobre como lidar com esse conteúdo não-textual. É claro, pesquisadores de estudos visuais irão rir desse espanto que nós, que viemos da perspectiva dos estudos tradicionais de comunicação e estudamos textos durante toda a nossa vida, temos quando abrimos esse campo e tentamos criar métodos, com nosso próprio cânone de métodos, que levam o conteúdo visual a sério. Acho importante sermos muito claros e transparentes sobre nossos métodos e tentar evitar interpretações errôneas da realidade ao máximo que pudermos. E essa é a ideia do rigor metodológico. Não é um valor em si. Mas todo o esforço visa evitar más interpretações e erros. E, nesse sentido, valorizo muito os métodos.

*Nesse sentido, qual é a importância de considerar o uso de imagens e de suas relações com o texto noticioso, como você fez, e como isso interfere no entendimento dos processos de enquadramento?*

O enquadramento visual e o enquadramento multimodal são importantes novos tópicos de pesquisa. Nos últimos anos, eles se desenvolveram e as pessoas tendem a levá-los mais a sério. O desafio específico, aqui, é entender como a conexão, como a sinergia funciona entre uma imagem e um elemento textual que a acompanha. Desenvolvemos uma ideia relativamente inovadora, eu diria, mas também relativamente simples: pegamos uma notícia de jornal que tenha foto, catalogamos o conteúdo da imagem de acordo com algumas categorias e, depois, o conteúdo do texto. A novidade foi colocar as duas categorizações na mesma análise de *cluster*. Em seguida, temos grupos de notícias que têm combinações semelhantes de conteúdo visual e texto. Isso dá uma espécie de ideia agregada sobre como certas imagens tendem a coincidir com informações textuais nas notícias e como isso pode conectar um ao outro.

É possível fazer isso com muito mais profundidade, se quiser. E acho que, de certa forma, também há uma conexão com a pesquisa de recepção. Temos que entender como as pessoas processam imagens e texto. Existe a ideia de que as imagens têm um efeito mais imediato, um efeito mais rápido, com a percepção das figuras enquadrando a percepção do texto. Isso pode ser verdade. Mas também acho que há um processo inverso no sentido de que legendas e mensagens de texto também dão sentido a alguns recursos visuais que talvez não sejam compreensíveis. Penso que, de certa forma, no fundo, poderíamos ter mais pesquisas sobre esses processos de recepção. Já sabemos algo a respeito, mas essas pesquisas poderiam também informar a reconstrução dessas sinergias. Para o futuro, por enquanto, como uma abordagem metodológica geral, analisar simultaneamente texto e imagens é sempre melhor do que apenas fazer um ou fazer os dois completamente separados, como ainda é feito, às vezes. Essa análise interconectada, simultânea, é algo que está ganhando força e que é realmente importante para entender o conteúdo dos *media*. O melhor exemplo disso são os memes da internet, nos quais há o elemento visual e um pequeno elemento de texto sobreposto. E muitas vezes é irônico. Obviamente, você não pode entender esses memes apenas olhando para um ou outro, ou olhando para eles

separadamente. É essa interconexão que faz o significado do meme. De certa forma, isso é apenas um lembrete dessa interconexão que está realmente presente em todo o conteúdo que consumimos.

*Atualmente, você está pesquisando emoções na cobertura noticiosa sobre terrorismo em diferentes países. O que você notou sobre a diferença na expressão/interpretação das emoções nesses diferentes contextos?*

É algo cultural, mas também há dimensões invariantes à cultura. Essa é uma descoberta interessante que fizemos. No artigo (Chan *et al.*, no prelo) no qual estudamos o tom emocional de matérias que falam sobre terrorismo ou refugiados, ou muçulmanos, ou combinações desses tópicos, o que percebemos é que o medo e a piedade funcionam de maneira antagonica, e isso se dá em várias culturas. Estudamos países ocidentais e países de maioria muçulmana, e *medias* da esquerda, direita e centro. O que descobrimos é que, quando o medo aumenta em um tópico específico, a piedade diminui. Ou seja, eles funcionam de forma antagonica. É basicamente o que chamamos de “padrão borboleta”, porque as borboletas também têm esse tipo de forma simétrica. Se você visualizar as emoções através dessas diferentes categorias, verticalmente, como fazemos no artigo, obterá uma forma de borboleta. Temos essa metáfora do padrão borboleta que acabou sendo o caso em todos os seis países que estudamos. E isso se deu independentemente da tendência política do meio de comunicação. Portanto, parece ser algo universal ou, pelo menos, culturalmente invariável nesses contextos culturais que estudamos.

Faz sentido nesse tipo de cobertura de eventos que são sobre pessoas que sofrem dificuldades ou violência. Se você desenvolver medo, poderá ter menos piedade dos envolvidos. Ou, se você desenvolver menos medo, haverá mais espaço para a piedade. Isso parece ser algo abrangente. Mas também temos elementos culturalmente específicos no tom emocional. Se você comparar as notícias que são apenas sobre refugiados ou sobre refugiados muçulmanos, a piedade aumenta. Mas, nas reportagens que falam sobre muçulmanos e terrorismo ao mesmo tempo, o medo aumenta e a piedade diminui nos países ocidentais, mas não nos países de maioria muçulmana. Foi interessante ver como

esse padrão é realmente claro. Falar sobre o Islã não é algo que gera medo e diminui a piedade em países onde o Islã é uma religião majoritária. Então, são essas duas coisas: as emoções são algo que aprendemos, especialmente a expressão de emoções, e têm um forte elemento cultural; mas as emoções também estão ligadas às nossas expressões corporais, há um complemento fisiológico, um processo em nosso corpo, em nosso cérebro e em nosso rosto. E isso também se traduz em alguns elementos independentes da cultura, pelo menos no jornalismo. Não estamos estudando emoções de pessoas individuais ou emoções expressas através de expressões corporais. Tudo é analisado por meio do sistema e da cultura do jornalismo, no nosso caso. Mas é interessante ver que parece haver alguns aspectos invariantes da cultura nas emoções.

*Atualmente, há uma crescente discussão sobre emoções e o surgimento de líderes populistas e autoritários. Tais estudos costumam apontar a crise migratória, as ameaças terroristas e o medo que elas geram como um dos fatores que favoreceram o apoio a esses líderes. Você observou em sua pesquisa resultados que corroboram e/ou complexificam essa relação entre as emoções, especialmente o medo, e o apoio aos líderes populistas?*

Na verdade, não sou especialista em populismo. O que sabemos sobre a cobertura do terrorismo é que, se o jornalismo não diferenciar entre os perpetradores concretos e um grupo mais amplo pelo qual os perpetradores pretendem falar, se houver uma cobertura indiferenciada, o jornalismo cria e suporta preconceitos contra esse grupo maior. O medo do terrorismo também leva ao apoio a medidas contra esse grupo maior, o grupo de muçulmanos no contexto ocidental. Se as pessoas têm medo de "terroristas muçulmanos", apoiarão com mais facilidade medidas que ferem os muçulmanos, independentemente de não serem terroristas. Esse tipo de cobertura indiferenciada é algo que precisa ser evitado. Se você diferenciar os perpetradores e o grupo mais amplo pelo qual eles pretendem falar, e com quem são semelhantes em alguns aspectos, poderá mitigar essa percepção de medo e também o apoio a políticas públicas contra minorias vulneráveis. Caso contrário, esse apoio a políticas estará vinculado ao apoio dos populistas de extrema direita. Não para o



populismo como um todo, não para o populismo de esquerda, o que também é um tópico, mas para o populismo de direita. Isso faz muito sentido.

Não sou propriamente um especialista em pesquisa de opinião pública nesse sentido. Porém, os primeiros passos na cadeia causal, desde o tipo de relatório indiferenciado até as percepções de medo e o suporte a políticas, estão muito bem documentados. Portanto, os jornalistas têm responsabilidade pela forma como cobrem. Nas pesquisas sobre terrorismo, uma das coisas que podemos enfatizar normativamente é que não se trata simplesmente da cobertura sobre um evento aleatório qualquer, porque a cobertura terrorista está intimamente entrelaçada com a forma como você [jornalismo] se relaciona com as comunidades. É importante observar como são descritas as chamadas “comunidades suspeitas”, se é construída uma comunidade suspeita ou não, ou se é mais analítico sobre os motivos e as consequências do terrorismo. É possível evitar a construção de uma comunidade suspeita de pessoas que de fato não têm nada a ver com os terroristas. Elas são, na verdade, frequentemente vítimas. A maioria das vítimas do terrorismo islâmico é muçulmana. As vítimas não muçulmanas ocidentais são muito raras. Portanto, isso é algo em que o jornalismo tem uma responsabilidade especial, porque o tom da cobertura também se traduz no clima geral da sociedade em relação ao populismo de direita.

### *Referências*

CHAN, C. H.; WESSLER, H., *et al.* How combining terrorism, Muslim, and refugee topics drives emotional tone in online news: A six-country cross-cultural sentiment analysis. *International Journal of Communication*, no prelo. Available at: <http://ijoc.org>

CURRAN, J.; IYENGAR, S.; LUND, A. B.; SALOYAARA-MORING, I. Media System, Public Knowledge and Democracy: A Comparative Study. *European Journal of Communication*. 24, n. 1, p. 5-26, 2009. DOI: 10.1177/0267323108098943

FRASER, N. Rethinking the Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy. *Social Text*, 25/26, p. 56-80, 1990.

MAIA, R. *Deliberation, the media and political talk*. New York: Hampton Press, 2012.

NIR, L. Cross-National Differences in Political Discussion: Can Political Systems Narrow

Deliberation Gaps? *Journal of Communication*, v. 62, p. 553–570, 2012a. DOI: 10.1111/j.1460-2466.2012.01648.

NIR, L. Public space. How shared news landscapes close gaps in political engagement. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, v. 56, n. 4, p. 578-596, 2012b. DOI: 10.1080/08838151.2012.732145.

PARKINSON, J. Ricketty Bridges: Using the Media in Deliberative Democracy. *British Journal of Political Science*, v. 36, p. 175–183, 2005.

WESSLER, H. *Habermas and the Media*. Cambridge, UK; Medford, MA: Polity Press, 2018.

WESSLER, H.; RINKE, E. M. Deliberative Performance of Television News in Three Types of Democracy: Insights from the United States, Germany, and Russia. *Journal of Communication*, v. 64, n. 5, p. 827-851, 2014. DOI: 10.1111/jcom.12115.

WESSLER, H.; WOZNIAK, A.; HOFER, L.; LÜCK, J. Global Multimodal News Frames on Climate Change: A Comparison of Five Democracies around the World. *The International Journal of Press/Politics*, v. 21, n. 4, p. 423–445, 2016. DOI: 10.1177/1940161216661848.

WOZNIAK, A.; LÜCK, J.; WESSLER, H. Frames, stories, and images : the advantages of a multimodal approach in comparative media content research on climate change. *Environmental Communication*, v. 9, n. 4, p. 469–490. DOI: 10.1080/17524032.2014.981559

## Notas

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Brasil – Código de Financiamento 001 – e do Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD).

## A Autora

Gabriella Hauber é mestre e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. E-mail: gabihauber@gmail.com.

Data de submissão: 08/06/2020

Data de aprovação: 02/10/2020